



O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

**280 anos da chegada do Brigadeiro José da Silva Pais a Rio Grande -100 anos da entrada do Brasil na I
GM**

ANO 2017

Março

Nº 208

Observações do historiador militar inglês Sir Basil Henry Liddel Hart sobre a História como experiência prática, especificamente História Militar, contidas no Capítulo I de seu livro (clássico):

LIDDEL HART, Basil Henry. As grandes guerras da História. São Paulo: IBRASA, 1982, 6ª EDIÇÃO, 515 páginas

CAPÍTULO I

A HISTÓRIA COMO EXPERIÊNCIA PRÁTICA

"Os tolos dizem que aprendem com a experiência. Eu prefiro tirar proveito da experiência alheia".

Esse dito, atribuído a Bismarck, mas de maneira alguma original dele, aplica-se esplendidamente às questões militares. Ao contrário daqueles que seguem outras carreiras, "o soldado profissional" não tem grandes oportunidades para praticá-la regularmente.

Com efeito, poder-se-ia até argumentar que num sentido literal a profissão das armas absolutamente não é uma profissão, mas apenas um "emprego casual" - e, paradoxalmente, que deixou de ser profissão quando as tropas mercenárias que eram empregadas e pagas para fazer guerra foram substituídas por exércitos permanentes que continuavam a ser pagos quando não havia guerra.

Se o argumento - de que, na realidade, não existe uma "profissão militar" - não é válido na maioria das forças armadas de hoje, tendo em vista o trabalho que realizam, é, sem dúvida, fortalecido na prática porque as guerras se tornaram menos numerosas, embora maiores, se comparadas com as dos tempos antigos. Por isso mesmo, o melhor treinamento realizado em tempo de paz é mais "teórico" do que uma experiência "prática".

O aforismo de Bismarck, contudo, lança sobre o problema uma luz diferente e mais encorajadora. Ajuda-nos a perceber que existem duas formas de experiência prática - a direta e a indireta - e que, das duas, a experiência indireta pode ser a mais valiosa porque é infinitamente mais ampla. Mesmo na mais ativa das profissões, especialmente a militar, as possibilidades e o alcance de uma experiência direta são extremamente limitados.

Em contraste com a militar, a profissão médica proporciona prática incessante; todavia, os grandes progressos na Medicina e Cirurgia foram devidos mais ao pensador científico e ao pesquisador do que ao executante.

A experiência direta é por demais limitada para servir como fundamento adequado quer à teoria quer à prática. Nas melhores circunstâncias produz uma atmosfera valiosa para secar e endurecer a estrutura do pensamento. O maior valor da experiência indireta está na sua variedade e extensão.

"A História é experiência universal" — experiência não de um porém de muitos em condições as mais diversas.

Aqui está a explicação racional de se ter a História Militar como base da educação militar - seu valor prático preponderante para a formação e desenvolvimento mental do militar.

Porém, como em toda experiência, os benefícios dependerão da amplitude e do método utilizado em seu estudo.

Os militares universalmente admitem como verdade a tão conhecida afirmação de Napoleão de que na guerra "o moral está para o físico como três para um".

A proporção matemática efetiva talvez não tenha valor, pois o moral tende a decair quando as armas são inadequadas, e a mais forte vontade vale pouco dentro de um corpo morto. Contudo, embora os fatores morais e físicos sejam inseparáveis e indivisíveis, a expressão adquire seu valor permanente porque exprime a ideia da predominância dos fatores morais em todas as decisões militares. Em torno deles giram, constantemente, os problemas da guerra ou das batalhas. Na história da guerra eles representam os fatores mais constantes, mudando apenas de grau, ao passo que os fatores físicos são diferentes em quase todas as guerras e todas as situações militares.

Essa compreensão afeta profundamente a questão do estudo da História Militar para utilização prática.

Nas últimas gerações o método empregado tem sido o de selecionar uma ou duas campanhas e estudá-las exaustivamente como processo de treinamento profissional e como fundamento da teoria militar.

Porém, com subsídios tão limitados e a evolução contínua dos meios utilizados, de guerra para guerra, os ensinamentos que podem ser tirados são imprecisos, tornando as lições enganadoras. Na esfera física o único fator que se pode considerar constante é que os meios e as condições são invariavelmente inconstantes.

Em contraste, a reação da natureza humana ao perigo varia muito pouco. Alguns homens, por hereditariedade, devido ao ambiente ou ao treinamento, podem ser menos sensíveis do que outros, porém a diferença é somente de grau e não é fundamental. Quanto mais localizadas forem a situação e o estudo empreendido, tanto mais desconcertante e menos calculável será essa diferença de grau. Isso pode tornar impossível qualquer apreciação exata sobre a resistência que os homens oferecerão em determinada situação, porém não prejudica a conclusão de que oferecerão menos resistência se forem tomados de surpresa do que se estiverem preparados; menos se estiverem cansados e famintos do que se estiverem descansados e bem alimentados.

Quanto mais ampla for a pesquisa tanto melhor será a base para se fazerem deduções.

A predominância do psiquismo sobre o físico e sua maior constância levam à conclusão de que a base de qualquer teoria de guerra deve ser a mais ampla possível.

Um estudo intensivo de uma única campanha, a menos que se baseie em extenso conhecimento de toda a história da guerra, provavelmente nos conduzirá a enganos. No entanto, se for verificado que um efeito específico se segue a uma causa específica em vinte ou mais casos, em épocas diferentes e condições diversas, há fundamento para considerasse essa causa como parte integrante de qualquer teoria de guerra.

A tese exposta neste livro foi produto de um exame extenso. Poderia, realmente, ser qualificada como o efeito composto de certas causas - estando estas relacionadas com minha tarefa como redator militar da "Enciclopédia Britânica". Isso porque, embora eu me tivesse

anteriormente dedicado ao estudo de determinados períodos da história militar de acordo com minha inclinação, citada tarefa obrigou-me a um exame geral de todos os períodos.

Um agrimensor - mesmo um amador se quiserem - tem, pelo menos, uma perspectiva mais ampla e pode informar melhor sobre a topografia do terreno onde um mineiro conhece, apenas, seu próprio veio.

Durante este estudo, uma impressão me ficou cada vez mais convincente: a de que, através dos tempos, só foram obtidos resultados objetivos nas guerras, com raras exceções, quando a operação foi realizada de maneira tão indireta que o adversário não estava em condições de enfrentá-la.

Essa ação indireta refere-se usualmente ao campo físico, porém, em todos os casos, ao psicológico. Na estratégia nem sempre a linha reta é o caminho mais curto entre dois pontos.

Tornou-se cada vez mais claro que a ação direta contra um objeto mental, ou objetivo físico, realizada segundo "a linha de ação" esperada pelo inimigo, é fadada a produzir resultados negativos.

A razão pode ser explicada pelo dito de Napoleão de que "o moral está para o físico como três estão para um". Pode ser expressa cientificamente dizendo-se que, embora o poderio de uma força ou país adversário resida aparentemente em seus efetivos e recursos, estes dependem fundamentalmente da estabilidade do seu controle, do seu moral e suprimento.

Movimentar-se de acordo com o que está previsto pelo adversário é permitir-lhe o equilíbrio de que necessita para aumentar sua capacidade de resistência.

Na guerra, como na luta-livre, a tentativa de derrubar o adversário sem fazê-lo perder o apoio dos pés e sem perturbar seu equilíbrio resulta em auto-esgotamento, que aumenta, em ritmo desproporcional, a força efetiva a ser empregada contra ele.

O êxito de tal método só se torna possível quando se dispõe de enorme superioridade de força que, mesmo assim, tende a perder progressivamente seu efeito decisivo. Na maioria das campanhas o desequilíbrio psicofísico do adversário tem sido a ação vital na tentativa de derrotá-lo.

Esse desequilíbrio tem sido obtido por uma ação estratégica indireta, intencional ou fortuita, que pode tomar diversas formas. A estratégia de ação indireta engloba, embora muito mais ampla que ela, a "manobra sobre a retaguarda" que os estudos do General Camon mostravam ser o objetivo constante e o método-chave utilizado por Napoleão na conduta de suas operações.

O que interessava particularmente a Camon eram os aspectos logísticos - principalmente os fatores tempo, espaço e vias de transportes.

Todavia a análise dos fatores psicológicos torna claro que existe uma relação estreita entre muitas operações estratégicas que aparentemente não tiveram semelhança com uma manobra contra a retaguarda inimiga - mas que são, embora não perfeitamente caracterizados, exemplos clássicos da estratégia de ação indireta.

Para caracterizar uma semelhança e determinar o caráter da operação é desnecessário conhecer os quadros de efetivo e os pormenores do suprimento e do transporte. Nossa preocupação diz respeito mais às conclusões históricas retiradas de uma série de exemplos selecionados e aos aspectos logísticos e efeitos psicológicos que deles resultaram.

Se, em operações semelhantes mas que variem grandemente em sua natureza, amplitude e oportunidade, puderem ser identificados os mesmos efeitos, é lógico que poderemos deduzir serem eles produzidos por uma causa comum.

Em consequência, quanto mais amplamente variarem essas condições tanto mais verdadeira será essa conclusão.

Um estudo profundo da guerra não é somente necessário ao estabelecimento de uma teoria de guerra que oriente a elaboração de uma doutrina atualizada e eficiente mas, também, é indispensável ao estudante militar que procura desenvolver a sua capacidade de discernimento e de julgamento.

Sem isso seu conhecimento da arte da guerra será como uma pirâmide invertida, precariamente equilibrada sobre seu vértice.

Nota do Revisor: A palavra teoria representa o esforço pela unidade e generalização da experiência concreta provinda da observação dos fatos. Assim, a teoria não é motivada; ela se preocupa mais com o ser do que com o dever ser. Já a doutrina é um sistema do dever ser e não do ser. Ela incorpora, necessariamente, um propósito normativo, utiliza a experiência teórica em sentido deliberado, tende sempre a alcançar ou a construir uma finalidade que se coloca além da teoria. Claro que a doutrina advém da teoria.